

O PENSAMENTO TAOISTA E O OLHAR DE ALBERTO CAEIRO – ENTRE A FILOSOFIA TAOISTA CLÁSSICA CHINESA E AS IDEIAS DE ALBERTO CAEIRO

TAOIST THOUGHT AND ALBERTO CAEIRO'S VIEW – BETWEEN THE CHINESE CLASSICAL TAOIST PHILOSOPHY AND THE IDEAS OF ALBERTO CAEIRO

Patrícia Barroso de Sá*
patriciabarroso_@hotmail.com

O presente artigo tem como principal objetivo comentar e analisar comparativamente duas obras literárias: a obra poética de Alberto Caeiro, heterónimo do ilustre poeta português Fernando Pessoa, e a obra clássica chinesa *Dao De Jing* (道德经, Dào dé jīng) que está na base da Filosofia Taoista. Deste modo, pretende-se comparar as ideias interpretadas em ambas as obras, analisando semelhanças e diferenças, de forma a compreender as mesmas e as razões por detrás de tais similaridades e afastamentos. Para tal, ter-se-á sempre em conta diferenças culturais, não só provenientes do facto de as obras se encontrarem em países muito díspares e longínquos fisicamente, como também do facto de se localizarem em épocas temporalmente muito distantes.

Palavras-chave: Taoísmo. *Dao De Jing*. Lao Zi. Fernando Pessoa. Alberto Caeiro.

The main objective of this paper is to comment and comparatively analyse two literary pieces: the poetic work of Alberto Caeiro, heteronym of the illustrious Portuguese poet Fernando Pessoa, and the classical Chinese work *Dao De Jing* (道德经, Dào dé jīng) which is a building block of Taoist Philosophy. This way, we intend to compare the ideologies portrayed in these works, by analysing their similarities and differences, in order to understand them and the reasons behind them. To this end, cultural differences are taken into account, as both works come from very disparate and physically distant countries, and were written in very different times.

Keywords: Taoism. *Dao De Jing*. Laozi. Fernando Pessoa. Alberto Caeiro.

•

* Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho, Braga, Portugal.
ORCID: 0000-0001-9456-8171

1. Introdução

Cultura, qualquer tentativa de definição ou categorização deste termo tão complexo, parece-me sempre insuficiente. Porém, sabe-se que a cultura influencia e se reflete não só nas práticas e hábitos mais característicos de um povo, mas também na própria língua, na forma de expressão, de comunicação, na literatura, na arte e na forma como ela é vista e sentida, e, no fundo, no próprio sistema de valores e nos quadros mentais de um povo. Portanto, na tentativa de estudo e compreensão de um diferente povo, entende-se a importância do conhecimento cultural sobre o mesmo e da valorização das diferenças nas suas formas de agir, de sentir e de pensar. No intuito de desenvolver a nossa inteligência cultural, torna-se de extrema necessidade a tentativa de compreensão das diferenças e a aceitação de que elas, de facto, existem. A meu ver, o interesse do mundo passa por toda a sua diversidade de estilos de vida e diferentes formas de pensar.

Porém, pelo processo de análise das diferenças, damos por nós, inconscientemente, a usar a comparação. O ato de aprender, muitas vezes, baseia-se na associação do novo ao que já é nosso conhecido. E foi isso que me aconteceu, quase que espontaneamente, quando comecei a aprender sobre a Filosofia Taoista, aquando o meu estudo das línguas e culturas orientais. Quanto mais lia os poemas escritos no grande clássico da literatura chinesa *Dao De Jing* (道德经 *Dào dé jīng*), (obra que está na base da Filosofia Taoista), mais conseguia, surpreendentemente, encontrar não apenas contrastes, mas também semelhanças com as ideias que retive, ao longo da vida, dos poemas singelos, mas sábios, de Alberto Caeiro, o meu poeta favorito e mestre do próprio Fernando Pessoa e de todos os outros heterónimos.

2. Análise comparativa

Trata-se de uma comparação ousada, pois apesar de ambas as obras serem poéticas, de composição não muito extensa, os respetivos autores apareceram em épocas muito distintas, em lugares muito distantes, o que, conseqüentemente, afirma a existência de diferenças óbvias, oriundas de culturas, claro está, muito díspares.

Ora, a obra em questão, *Dao De Jing* (道德经 *Dào dé jīng*), era algumas vezes conhecida como *O Livro do Caminho e da Virtude* ou ainda referida como *O Livro de Lao Zi*. Lao Zi (老子, *Lǎo zǐ*) [O Velho Mestre] teria sido, segundo a tradição, o autor desta grandiosa obra de 5000 palavras, divididas por 81 breves capítulos que se pensa terem sido escritos entre 350 e 250 a. C., quase na totalidade, em expressão poética clássica. Eram muitas vezes compostos como se tratassem de conselhos governamentais, dado que esse era o verdadeiro papel de um filósofo na antiguidade chinesa: aconselhar o governante, numa China não unificada, governada por reis, quando os períodos temporais ainda eram divididos por dinastias.

Por outro lado, a obra de Alberto Caeiro, heterónimo de um dos mais ilustres poetas do século XX, Fernando Pessoa, presenteia-nos com as suas ideias em poemas ingénuos de uma escrita simples e espontânea, que deixa transparecer o seu nível básico de

educação e o espírito livre e simples de alguém que afirmava não ter filosofia. Caeiro dedicava-se apenas a ver o mundo de forma objetiva e limitava-se a escrever sensações que seriam somente registos do que ele dizia ser nada mais que o mundo que observava em seu redor. Esses registos estão, porém, repletos de *filosofia*, e é possível interpretar neles *pensamentos* com profundos significados, não fosse Caeiro considerado um verdadeiro mestre, desde o primeiro momento em que apareceu a Pessoa: “Foi o dia triunfal da minha vida, e nunca poderei ter outro assim. (...) aparecera em mim o meu mestre. Foi essa a sensação imediata que tive” (Pessoa 1986, p. 199).

2.1. Afastamentos

Como seria de esperar, a um nível ideológico, ambas as obras contrastam em alguns aspetos, como por exemplo:

2.1.1. O conceito de Dao, a origem de todas as coisas

Dao (道, *dào*) é o conceito mais importante da Filosofia Taoista e da própria obra *Dao De Jing*. É um termo muito complexo de se definir, podemos dizer que seria a fonte de onde surgiu todo o Universo, ou seria o próprio Universo como um todo. Em *Dao De Jing*, Dao seria *algo* anterior a todas as coisas, que precedia qualquer Deus, antecedendo até o Céu e a Terra. Algo sem forma, sem som, sem imagem, e sem textura, no fundo, uma força intemporal e sem qualquer noção espacial. É a fonte inesgotável de onde todas as realidades mundanas nasceram e surgiram.

Em *Dao De Jing*, o céu, a terra, os rios e as montanhas eram parte de um enorme e unificado poder, conhecido como Dao, que é impessoal e sem nome. Uma força que está por detrás do funcionamento do universo. (Wong 1997, p. 23)¹

Deste modo, tudo o que caracteriza o mundo em nosso redor, humanos e animais, plantas e paisagens, objetos, ciclos, movimentos e mudanças no universo, tem semelhante origem em Dao. Todos nós somos diferentes expressões da mesma fonte originária.

Dao é, então, tido como uma existência abstrata, porém muito real, abrangível e primordial na Filosofia Taoista.

Dao, como coisa, é elusivo e intangível. Intangível e elusivo, porém contém a aparência; elusivo e intangível, porém contém a matéria. Obscuro e profundo, porém contém essência, a essência é real (...) (capítulo 21, *apud* Cao 2010, p. 99)²

¹ “In *Dao De Jing*, the sky, the earth, rivers, and mountains are part of a larger and unified power, known as Dao, which is an impersonal and unnamed force behind the workings of the universe.” (TdA)

² “道之为物，惟恍惟惚。惚兮恍兮，其中有象；恍兮惚兮，其中有物；窈兮冥兮，其中有精，其精甚真(...)”，“Dào zhī wéi wù, wéi huǎng wéi hū. Hū xī huǎng xī, qízhōng yǒu xiàng; huǎng xī hū xī, qízhōng yǒu wù; yǎo xī míng xī, qízhōng yǒu jīng, qí jīng shén zhēn.” (TdA)

Existe algo indiferenciado e, ainda assim, completo, Nasceu primeiro que o céu e a terra. Silencioso e vazio, independente e imutável, Revolvendo-se sem fim, pode ser considerado como a Mãe do céu e da terra. (capítulo 25, *apud* Cao 2010, p. 115)³

A existência deste conceito tão abstrato e relativo, é, porventura, o contraste mais evidente entre estes dois polos comparativos, dado que Alberto Caeiro é um objetivista absoluto que apenas acredita no que está claro ao seu olhar:

(...) Vi que não há Natureza, // Que Natureza não existe, // Que há montes, valles, planícies, // Que há arvores, flores, ervas, // Que há rios e pedras, // Mas que não há um todo a que isso pertença, // Que um conjuncto real e verdadeiro // É uma doença das nossas idéas. // A Natureza é partes sem um todo (...) (Pessoa 1994, p. 98)⁴

Assim, Caeiro defende a pura individualidade das coisas do mundo, sem qualquer mistério de criação, sem antecedentes únicos, sem quaisquer misticismos ou forças abstratas. Acredita, assim, na “existência absolutamente real sem sombras nem erros // A coincidência exacta (e inteira) de uma coisa consigo mesma” (idem, p. 145).⁵ A “Natureza é partes sem um todo”, e o conceito de Universo como síntese, como conjunto, é uma ideia abstrata, portanto, irreal aos olhos do Mestre Caeiro.

No entanto, apesar dos conceitos de *Natureza* e *Universo* serem abordados de forma distinta entre os dois pensamentos, ambos apelam para a necessidade de viver seguindo a via natural, de acordo com a Natureza ao nosso redor, como se irá confirmar em alguns dos pontos que se seguem desta comparação.

2.1.2. O pensamento dialético e a individualidade

Todos entendem beleza como beleza, ai está a feiura. Todos entendem o bem como bem, ai está o mal. A existência e a não-existência geram-se uma à outra, o difícil e o fácil completam-se um ao outro, o comprido e o curto dão forma um ao outro, o alto e o baixo dependem um do outro, o som e a voz harmonizam-se, a frente e a traseira seguem-se uma à outra, e isso é constante. (capítulo 2, *apud* Cao 2010, p. 6)⁶

Uma outra diferença bastante evidente entre as filosofias em *Dao De Jing* e as ideias expostas nos poemas de Alberto Caeiro é a importância dada à harmonia e à dependência dos opostos.

O conceito de Yin e Yang (阴阳, *yīn yáng*) está na base da tradição e filosofia chinesas, representando o equilíbrio das forças opostas que dependem uma da outra para coexistirem. Todas as coisas do mundo são fruto destas forças originárias em Dao, sendo interdependentes e nada isoladas.

³ “有物混成，先天地生。寂兮寥兮，独立而不改，周行而不殆，可以为天地母。”，“Yǒu wù hùnchéng, xiān tiāndì shēng. Jì xī liáo xī, dúlì ér bù gǎi, zhōu xíng ér bù dài, kěyǐ wéi tiāndì mǔ.” (TdA)

⁴ *O Guardador de Rebanhos*: XLVII

⁵ *Poemas Inconjuntos*: 59

⁶ “天下皆知美之为美，恶已；皆知善，斯不善矣。有无之相生也，难易之相成也，长短之相刑也，高下之相盈也，音声之相和也，前后之相随，恒也。” “Tiānxià jiē zhī měi zhī wèi měi, è yǐ; jiē zhī shàn, sī bùshàn yǐ. Yǒu wú zhī xiāngshēng yě, nán yì zhī xiāng chéng yě, chángduǎn zhī xiāng xíng yě, gāo xià zhī xiāng yíng yě, yīnshēng zhī xiāng hé yě, qiánhòu zhī xiāng suí, héng yě.” (TdA)

Dao De Jing evoca, com este conceito, a necessidade da existência dos opostos de todas as coisas, mesmo que esses opostos possam causar sentimentos negativos. Assim, sem o mal, não existiria o bem; sem a morte, não existiria a vida, assim como, sem doença, não existiria a saúde e, sem imperfeição, a palavra *perfeição* não teria qualquer significado.

Alberto Caeiro, nos seus poemas, também revela uma aceitação por todos os acontecimentos do mundo, dizendo até que “Um dia de chuva é tão belo como um dia de sol. // Ambos existem; cada um como é.” (Pessoa 1994, p. 127).⁷ Ele ainda diz que: “(...) Se não houver imperfeição, havia uma coisa a menos. // E deve haver muita coisa // Para termos muito enquanto vemos e ouvimos...” (*idem*, p. 91).⁸ Ora, se tal ideia, tivesse ela sido escrita em *Dao De Jing*, teria sofrido, provavelmente, uma ligeira alteração, que faria, no entanto, bastante diferença a nível de significação: Se não existisse a imperfeição, haveria duas coisas a menos. Pois se não houvesse imperfeição, não existiria também o seu oposto, não existiria perfeição.

O Mestre Caeiro, contrariamente ao pensamento dialético, exaltado, persistente e sistemático presente em *Dao De Jing*, enfatiza a individualidade das coisas, cantando que estas já se encontravam completas pelo simples facto de existirem: “A espantosa realidade das coisas // É a minha descoberta de todos os dias. // Cada coisa é o que é, // E é difícil explicar a alguém quanto isso me alegra, // E quanto isso me basta. // Basta existir para se ser completo” (*idem*, p. 122).⁹

Portanto, enquanto Lao Zi aclamava Yin e Yang e a compreensão de que, exemplificando, o feminino não existe sem o masculino, o quente não existe sem o frio, o dia não existe sem a noite, Alberto Caeiro, por outro lado, atribuía um valor muito próprio à unidade e individualidade das coisas, e a ideia dessa independência de todas as coisas alegrava-o e trazia-lhe paz.

2.1.3. O movimento da natureza e a noção temporal

A Filosofia Taoista, baseada em *Dao De Jing*, apresenta duas características essenciais para a presente análise: em primeiro lugar, e como vimos anteriormente nesta comparação, defende que tudo no mundo possui a mesma raiz, tudo provém da mesma fonte originária, Dao; em segundo lugar, acredita que a Natureza se encontra em constante mudança, num movimento circular eterno, denominado *Movimento de Dao* (道之, *dào zhī dòng*). O Movimento de Dao ou, por outras palavras, o movimento da Natureza ou o movimento natural, é o conceito que defende que todas as coisas, quando atingem o seu extremo, regressam, necessariamente, ao início, num movimento eterno e constante. Regressar é, assim, o Movimento de Dao (反者道之动, *fǎn zhě dào zhī dòng*) (capítulo 40, *apud* Cao 2010, p. 175).¹⁰ Tal como vemos no mundo natural, o início e o fim das estações do ano e depois o seu regresso, todos os ciclos do universo funcionariam da mesma forma, regressando em direção ao seu início, uma vez atingido o seu extremo.

⁷ *Poemas Inconjuntos*: 22

⁸ *O Guardador de Rebanhos*: XLI

⁹ *Poemas Inconjuntos*: 16

¹⁰ “反者道之动”, “*fǎn zhě dào zhī dòng*” (TdA)

Estende o vazio até ao limite, Mantém-te quieto e calado até ao extremo. Todas as coisas prosperam, e eu contemplo o seu retorno. Todas as coisas retornam às suas raízes. Regressar às raízes é tranquilidade, tranquilidade é reconquistar a própria natureza, reconquistar a própria natureza é continuidade. (capítulo 16, *apud* Cao 2010, p. 74)¹¹

Esta ideia de ciclo constante, de caminho natural e circular entre o passado, presente e futuro em regresso, é mais um dos pontos que contrasta com a sensibilidade do poeta Caeiro. Alberto Caeiro, por sua vez, defende que o conceito abstrato de *tempo* é uma coisa irreal. Ele afirma-se “recém-nascido a cada momento // Para a completa novidade do mundo” (Pessoa 1994, p. 132).¹² Segundo ele, os momentos não teriam uma ligação temporal. “A sua temporalidade psíquica é estática: não recorda, não faz planos, nunca constrói- passa e cada instante é feito de uma duração igual à dos relâmpagos...” (Padrão 1981, p. 124). Deste modo, o poeta faz por viver na instantaneidade de momentos despegados e independentes de qualquer ciclo ou sucessão interligada com o passado ou com o futuro. Assim o demonstra nos seus poemas:

Passou a diligencia pela estrada, e foi-se; // E a estrada não ficou mais bella, nem sequer mais feia. // Assim é a acção humana pelo mundo fóra. // Nada tiramos e nada pomos; passamos e esquecemos... (Pessoa 1994, p. 92)¹³

(...) ás vezes, á flor dos ribeiros, // Formam-se bolhas de agua // Que nascem e se desmancham // E não teem sentido nenhum // Salvo serem bolhas de agua // Que nascem e se desmancham. (*idem*, p. 87)¹⁴

2.2. Semelhanças

Quiçá, o mais interessante de todo este estudo é o facto de ambas as obras poéticas transmitirem ideias surpreendente e incrivelmente semelhantes, exemplificando:

2.2.1. O Princípio da Não-Ação

O Princípio da Não-Ação (无为, *wú wéi*), *Nada fazer*, ou *Inação*, integra um dos mais importantes ensinamentos de Lao Zi abordados em *Dao De Jing*. Porém, com inação, o apelo não é feito ao sentido literal de não fazer absolutamente nada, mas sim à ideia de abstenção de toda a ação que seja “fabricada”, por outras palavras, a ação que surja a partir dos pensamentos, dúvidas, desejos e curiosidades do Homem. Em *Dao De Jing* é enaltecida a ação pura através de reações intuitivas e da verdadeira essência do ser humano como parte de um todo, da Natureza. “O Homem segue a lei da Terra, a Terra

¹¹ “致虚极，守静笃；万物并作，吾以观复。夫物芸芸，各复归其根。归根曰静，静曰复命。复命曰常” “zhì xū jí, shǒu jìng dǔ; wànwù bìng zuò, wú yǐ guān fù. fū wù yúnyún, gè fùguī qí gēn. guīgēn yuē jìng, jìng yuē fùmìng. fùmìng yuē cháng” (TDA)

¹² *Poemas Inconjuntos*: 33

¹³ *O Guardador de Rebanhos*:XLII

¹⁴ *O Guardador de Rebanhos*: XXXVII

segue a lei do Céu, o Céu segue a lei de Dao, e Dao segue aquilo que é, naturalmente” (capítulo 25, *apud* Cao 2010, p. 115).¹⁵

(...) O mundo é como um utensílio sagrado, não se pode agir sobre ele ou agarrá-lo. Os que agem sobre ele vão falhar, os que o agarram vão perdê-lo. É por isso que o sábio pratica o Princípio da Não-Ação, desse modo não falha nem perde. (capítulo 29, *apud* Cao 2010, p. 134)¹⁶

O Mestre Caeiro, enaltece, de forma semelhante, que deveríamos ser espontâneos nos nossos atos. Para isso, teríamos de prestar mais atenção à nossa verdade, à nossa essência, evitando, assim, os feitos baseados em pensamentos ou ambições.

E há poetas que são artistas // E trabalham nos seus versos // Como um carpinteiro nas tábuas!... // Que triste não saber florir! // Ter que pôr verso sobre verso, como quem constrói uma casa // E ver se está bem, e tirar se não está!... // Quando a única casa artística é a Terra toda // Que varia e está sempre boa e é sempre a mesma. // Penso nisto, não como quem pensa, mas como quem /respira/ // E olho para as flores e sorrio... // Não sei se elas me compreendem // Nem se eu as compreendo a elas, // Mas sei que a verdade está nelas e em mim // E a nossa comum /divindade/ // De nos deixarmos ir e viver pela Terra // E levar ao colo pelas Estações contentes // E deixar que o vento cante para adormecermos. (Pessoa 1994, p. 86)¹⁷

Alberto Caeiro compreendia que a “Terra” tinha a *virtude* de ser “sempre boa”, “sempre a mesma”, sempre fiel à sua essência, mesmo com as suas variações naturais. Em *Dao De Jing*, um dos conceitos aclamados é necessariamente essa *Virtude* (德, *dé*). Ela não se refere a poder moral, mas à aptidão de conseguir realizar alguma coisa, à habilidade ou utilidade, sendo a maioria das vezes simbolizada pela “madeira em bruto”, aquela que ainda é pura e que nunca foi tocada pelo Homem. “Dao é a eterna madeira pura sem nome. Apesar de poder ser pequena, nada nem ninguém no mundo pode subjugar-la” (capítulo 32, *apud* Cao 2010, p. 147).¹⁸

O Dao pratica eternamente o Princípio da Não-Ação, no entanto, coisas acontecem, nada fica por fazer. Se os reis e governantes o seguissem, todas as coisas mudar-se-iam a elas próprias. Com a mudança, os desejos vão aparecendo, mas eu acalmo esses desejos com a madeira pura sem nome. Acalmo com a madeira pura sem nome, e não terão mais desejos. Sem desejos e calmo, o mundo corrigir-se-á a ele mesmo. (capítulo 37, *apud* Cao 2010, p. 165)¹⁹

¹⁵ “人法地，地法天，天法道，道法自然。”，“Rén fǎ de, dì fǎ tiān, tiān fǎ dào, dào fǎ zìrán” (TdA)

¹⁶ “天下神器，不可为也，不可执也。为者败之，执者失之。是以圣人无为，故无败，故无失。”，“Tiānxià shénqì, bùkě wéi yě, bùkě zhí yě. Wèi zhě bài zhī, zhí zhě shī zhī. Shì yǐ shèngrén wúwéi, gù wú bài, gù wú shī.” (TdA)

¹⁷ *O Guardador de Rebanhos: XXXVI*

¹⁸ “道常无名，朴。虽小，天下莫能臣。”，“Dào cháng wúmíng, pǔ. Suī xiǎo, tiānxià mò néng chén.” (TdA)

¹⁹ “道常无为而无不为。候王若能守之，万物将自化。化而欲作，吾将镇之以无名之朴，镇之以无名之朴，夫将不欲。不欲以静，天下将自定。”，“Dào cháng wúwéi ér wúbù wéi. Hòu wáng ruò néng shǒu zhī, wànwù jiāng zì huà. Huà ér yù zuò, wú jiāng zhèn zhī yǐ wúmíng zhī pǔ, zhèn zhī yǐ wúmíng zhī pǔ, fū jiāng bù yù. Bù yù yǐ jìng, tiānxià jiāng zì dìng.” (TdA)

(...) Dar vida mas não possuir, Deixar as coisas acontecer mas não tirar vantagem nem depender disso, Desenvolver mas não governar, não dominar - A isso chama-se A Profunda Virtude. (capítulo 51, *apud* Cao 2010, p. 230)²⁰

2.2.2. A água e a adaptação

Em *Dao De Jing*, enaltece-se que para se usufruir de uma vida longa e pacífica, seria importante adotar uma postura mais passiva e humilde. E para transmitir esta mensagem, dá-se ênfase às características da água e das virtudes mais ‘femininas’ da Natureza:

Os grandes Estados ficam nos baixos alcances dos rios, Esses são sítios para o feminino do mundo, Sítios onde o mundo converge. A fêmea invariavelmente supera o macho por ser tranquila, e na sua quietude ela adota uma posição mais baixa. Então, se um grande Estado ficar abaixo de um pequeno Estado, ele superará o pequeno Estado; Se o pequeno Estado ficar abaixo do grande Estado, Ele superará o grande Estado. (capítulo 61, *apud* Cao 2010, p. 277)²¹

Na adaptação natural ao que é proporcionado pela Natureza, agir-se-ia como a água, de forma flexível e calma, e seguir-se-ia Dao. Deste modo, paradoxalmente, qualquer governante alcançaria a harmonia no seu Estado sem esforço: “(...) A tranquilidade vence a inquietação, o frio vence o quente. A tranquilidade é a norma do mundo.” (capítulo 45, *apud* Cao 2010, p. 202).²² Não lutar seria a melhor forma de vencer.

Alberto Caeiro também valorizava a calma, defendendo que devíamos aprender com a água e compreender que era necessária a adaptação às circunstâncias vividas: “O meu olhar azul como o céu // É calmo como a água ao sol. // É assim, azul e calmo, // Porque não interroga nem se espanta...” (Pessoa 1994, p. 73).²³

Ambos os polos comparativos demonstram um discurso fortemente pacifista, enfatizando o quão desnecessário e contraproducente eram as guerras ou qualquer tipo de atrito ou espanto:

Em *Dao De Jing*:

Quando o mundo segue Dao, Os cavalos são retirados para arar os campos. Quando o mundo não segue Dao, Os cavalos nascem em campos de batalha. Não há calamidade maior

²⁰ “道生之，德畜之，物形之，势成之。是以万物莫不尊道而贵德。道之尊，德之贵，夫莫之命而常自然。故道生之，德畜之，长之育之，亭之毒之；养之覆之。生而不有，为而不恃，长而不宰，是谓玄德。”，“Dào shēng zhī, dé chù zhī, wù xíng zhī, shì chéng zhī. Shì yǐ wànwù mòbù zūn dào ér guì dé. Dào zhī zūn, dé zhī guì, fū mò zhī mìng ér cháng zìrán. Gùdào shēng zhī, dé chù zhī, zhǎng zhī yù zhī, tíng zhī dú zhī; yǎng zhī fù zhī. Shēng ér bù yǒu, wéi ér bù shì, cháng ér bù zǎi, shì wèi xuán dé.” (TdA)

²¹ “大邦者下流，天下之牝，天下之交也。牝常以静胜牡，以静为下。故大邦以下小邦，则取小邦；小邦以下大邦，则取大邦。”，“Dà bāng zhě xiàliú, tiānxià zhī pìn, tiānxià zhī jiāo yě. Pìn cháng yǐ jìng shèng mǔ, yǐ jìng wéi xià. Gù dà bāng yǐxià xiǎo bāng, zé qǔ xiǎo bāng; xiǎo bāng yǐxià dà bāng, zé qǔ dà bāng.” (TdA)

²² “(...)静胜躁，寒胜热。清静为天下正。”，“(...)Jìng shèng zào, hán shèng rè. Qīngjìng wéi tiānxià zhèng.” (TdA)

²³ *O Guardador de Rebanhos*: XXIII

do que o descontentamento; Nenhum erro é pior que a ganância. (...) (capítulo 46, *apud* Cao 2010, p. 208)²⁴

Em “Poemas Inconjuntos” (52):

A guerra, que aflige com os seus esquadrões o mundo, // É o tipo perfeito do erro da filosofia. // A Guerra, como tudo humano, quer alterar e alterar muito // E alterar depressa. // Mas a guerra inflige a morte. // E a morte é o desprezo do universo por nós. // Tendo por consequência a morte, a guerra prova que é falsa. // Sendo falsa, prova que é falso todo o querer-alterar. (...) (Pessoa 1994, p. 142)

2.2.3. Os nomes e a classificação

A manhã raia. // Não: a manhã não raia. // A manhã é uma coisa abstracta, está, não é uma coisa. // Começamos a ver o sol, a esta hora, aqui. // Se o sol matutino dando nas árvores é belo, // É tão belo se chamarmos à manhã «Começamos a ver o sol» // Como o é se lhe chamarmos a manhã. // Por isso se não há vantagem em por nomes errados às coisas, // Devemos nunca lhes por nomes alguns. (Pessoa 1994, p. 134)²⁵

Caeiro, como objetivista absoluto, considerava que adjetivar, categorizar ou até atribuir nomes às coisas, era algo que não tinha qualquer fundamento. Pois *nomes*, por si só, eram invenções dos humanos, não sendo, assim, coisas concretas.

Só a Natureza é divina, e ela não é divina...// Se às vezes falo dela como de um ente // É que para falar dela preciso usar da linguagem dos homens // Que dá personalidade às coisas, // E impõe nome às coisas. // Mas as coisas não têm nome nem personalidade: // Existem, e o céu é grande e a terra é larga, // E o nosso coração do tamanho de um punho fechado... (Pessoa 1994, p. 77)²⁶

Quanto a este assunto, a visão em *Dao De Jing* não é muito distinta. Tendo todos os seres e todas as coisas do mundo a mesma origem em Dao, a categorização também era considerada dispensável, bem como a transferência da mesma através de palavras e nomenclatura: “Sem-nome é o início do céu e da terra” (capítulo 1, *apud* Cao 2010, p. 1).²⁷ No taoísmo, o início do céu e da terra aconteceu, esse acontecimento fez com que o céu e a terra existissem, e essa existência é o que realmente importa, a existência é o suficiente, não necessita ter um nome. Ora, Dao é sem nome. E se o chamamos de Dao é porque nos queremos referir a ele. Porém, Lao Zi disse: “Poupa as palavras e deixa as coisas existirem como elas são.” (capítulo 23, *apud* Cao 2010, p. 107)²⁸, e “Os que sabem não falam, os que falam não sabem.” (capítulo 56, *apud* Cao 2010, p. 260).²⁹

²⁴ “天下有道，却走马以粪，天下无道，戎马生于郊。祸莫大于不知足；咎莫大于欲得。”，
“Tiānxià yǒu dào, què zǒumǎ yǐ fèn, tiānxià wú dào, róngmǎ shēng yú jiāo. Huò mò dà yú bùzhī zú; jiù mò dà yú yù dé.” (TdA)

²⁵ *Poemas Inconjuntos*: 41

²⁶ *O Guardador de Rebanhos*: XXVII

²⁷ “无名天地之始”，“Wúmíng tiāndì zhī shǐ” (TdA)

²⁸ “希言自然”，“Xī yán zìrán” (TdA)

²⁹ “知者不言，言者不知”，“Zhìzhě bù yán, yánzhě bù zhī” (TdA)

2.2.4. A aceitação e a satisfação

A ideia de que o desejo é algo que deve ser excluído da nossa vida, é um outro ponto de semelhança entre ambas as formas de pensamento. *Desejar* é não aceitar o que temos nem o que somos. Deste modo, ter desejos é completamente contra as crenças tanto da Filosofia Taoista como de Alberto Caeiro, dado que este afirmava não ter qualquer ambição na vida, nem mesmo o desejo de ser poeta: “Não tenho ambições nem desejos. Ser poeta não é uma ambição minha” (Pessoa 1994, p. 41).³⁰

A Filosofia Taoista diz-nos que a aceitação era impulsionadora da inclusão na Natureza, e era, portanto, a forma de estarmos em harmonia com o mundo e de agirmos segundo Dao: “Aceitação significa imparcialidade, imparcialidade significa inclusão, totalidade, inclusão e totalidade significa a Vontade do Céu, a Vontade do Céu significa Dao” (capítulo 16, *apud* Cao 2010, p. 74).³¹ Assim sendo: “Não há calamidade maior do que o descontentamento; Nenhum erro é pior que a ganância” (capítulo 46, *apud* Cao 2010, p. 208).³²

Ser ganancioso era considerado um grande erro também para o Mestre Caeiro, e ele deixa isso muito claro em alguns dos seus poemas:

(...) Mesmo se nascessem flores novas no prado // E se o sol mudasse para mais belo, // Eu sentiria menos flores no prado // E achava mais feio o sol... // Porque tudo é como é e assim é que é, // E eu aceito, e nem agradeço, para não perceber que penso nisso... (Pessoa 1994, p. 73)³³

Levando a importância do ser natural a um patamar muitíssimo elevado, Alberto Caeiro procura aceitar sempre, não apenas as situações boas, mas também as más, pois, se o mundo, por vezes, também lhe revela infelicidade, então é porque a infelicidade também faz parte de ser-se natural:

(...) Mas eu nem sempre quero ser feliz. // É preciso ser de vez em quando infeliz para se poder ser natural... // Nem tudo é dias de sol, // E a chuva, quando falta muito, pede-se. // Por isso tomo a infelicidade com a felicidade // Naturalmente, como quem não estranha // Que haja montanhas e planícies // E que haja rochedos e erva... // O que é preciso é ser-se natural e calmo // Na felicidade ou na infelicidade. (*idem*, p. 71)³⁴

Em *Dao De Jing*, alguns poemas escritos em forma de sábios conselhos governamentais também apontam para uma procura da rejeição à ganância e na valorização do simples e essencial:

³⁰ *O Guardador de Rebanhos: I*

³¹ “容乃公，公乃全，全乃天，天乃道” “Róng nǎi gōng, gōng nǎi quán, quán nǎi tiān, tiān nǎi dào” (TdA)

³² “禍莫大于不知足；咎莫大于欲得。” “Huò mò dà yú bùzhī zú; jiù mò dà yú yù dé.” (TdA)

³³ *O Guardador de Rebanhos: XXIII*

³⁴ *O Guardador de Rebanhos: XXI*

Desejar ganhar o mundo e agir sobre ele, para mim isso não vai resultar em nada. (...) O sábio recusa o excessivo, ou o extravagante, ou o extremo. (capítulo 29, *apud* Cao 2010, p. 134)³⁵

O grande caminho é plano, simples e suave, E mesmo assim as pessoas preferem os caminhos estreitos e complicados. Os seus palácios são impecavelmente limpos, os seus campos são cultivados em demasia e desperdício, os seus armazéns são vazios; eles usam vestes bordadas e com floreados, eles carregam espadas cortantes, Deliciam-se com comida e bebida, Têm luxo em coisas materiais; isso é o caminho dos bandidos, não é o caminho certo, não é Dao! (capítulo 53, *apud* Cao 2010, p. 240)³⁶

2.2.5. A felicidade e a ignorância

Caeiro, bem como todos os outros heterónimos pessoanos e o próprio poeta ortónimo, fala-nos na “dor de pensar”, essa dor de ser consciente sobre as coisas e tentar compreendê-las. Alberto Caeiro prefere não sofrer dessa *dor*, prefere ter “o olhar nítido como o girassol” (Pessoa 1994, p. 44)³⁷, focar-se na objetividade e clareza do que está à sua vista, ao invés de se debruçar sobre os pensamentos que surgem no escuro da mente, os quais, para ele, não passam de ilusões, falsidades e mentiras.

Ora este é mais um ponto em comum com os ditos escritos em *Dao De Jing*, que também dão relevância à tentativa de desviar os conhecimentos desnecessários da mente. Não devíamos procurar saber para além do que já sabemos. Quanto mais soubéssemos e quiséssemos saber sobre o mundo, mais infelizes, frustrados e descontentes nos tornaríamos. Assim, os poemas e filosofias de *Dao De Jing* tentavam passar essa mensagem:

Nos tempos antigos, quem era bom em Dao não fazia com que o povo fosse iluminado, mantinha-o na ignorância. O povo é difícil de governar e controlar se tiver muitos conhecimentos. Então, governar com inteligência é uma aflição para o Estado. Governar com ignorância é uma bênção. (capítulo 65, *apud* Cao 2010, p. 296)³⁸

Contudo, esta “ignorância” não era vista nem tratada como algo negativo, mas sim como uma bênção de felicidade e paz. Para se ser verdadeiramente feliz, havia que se ser ignorante, ingénuo e puro como uma criança. “Ser como uma criança” é tanto enfatizado nos poemas de Caeiro como em *Dao De Jing*, e é, com certeza, um símbolo da filosofia de ambas as obras, que nos alerta para não deixarmos morrer a criança que vive em nós:

Em *Dao De Jing*:

³⁵ “将欲取天下而为之，吾见其不得已。” “Jiāng yù qǔ tiānxià ér wéi zhī, wú jiàn qí bùdèyǐ.” (TdA)

³⁶ “大道甚夷，而人好径。朝甚除，田甚芜，仓甚虚，服文采，带利剑，厌饮食，财货有余，是谓盗竽。非道也哉！” “Dàdào shén yí, ér rén hào jìng. Cháo shén chú, tián shén wú, cāng shén xū, fú wén cǎi, dài lì jiàn, yàn yǐn shí, cái huò yǒuyú, shì wèi dào yú. Fēi dào yě zāi!” (TdA)

³⁷ *O Guardador de Rebanhos: II*

³⁸ “古之善为道者，非以明民，将以愚之。民之难治，以其智多。故以智治国，国之贼；不以智治国，国之福” “Gǔ zhī shàn wéi dào zhě, fēi yǐ míng mǐn, jiāng yǐ yú zhī. Mǐn zhī nán zhì, yǐ qí zhì duō. Gù yǐ zhì zhìguó, guózhī zéi; bù yǐ zhì zhìguó, guózhī fú” (TdA)

Quem é bem dotado de virtude pode ser comparado a uma criança recém-nascida. Insetos venenosos não a picam, Animais ferozes não a agarram, Aves de rapina não o apanham. Tem ossos fracos e tendões débeis, porém é forte e consistente. Nada sabe sobre sexo e ainda assim o seu pénis fica ereto, isso é porque a sua essência é completamente pura. Chora o dia todo, no entanto nunca fica rouco, pois está em perfeita harmonia. (capítulo 55, *apud* Cao 2010, p. 250)³⁹

Em *O Guardador de Rebanhos* (VIII):

Num meio-dia de fim de Primavera // Tive um sonho como uma fotografia. // Vi Jesus Cristo descer à terra. // Veio pela encosta de um monte // Tornou outra vez menino, // A correr e a rolar-se pela erva // E a arrancar flores para as deitar fora // E a rir de modo a ouvir-se longe. (...) Êle mora comigo na minha casa a meio do outeiro. // Êle é a Eterna Criança, o deus que faltava. // Êle é o humano que é natural, // Êle é o divino que sorri e que brinca. // E por isso é que eu sei com toda a certeza // Que êle é o Menino Jesus verdadeiro. // E a criança tão humana que é divina. (...) A Criança Nova que habita onde vivo // Dá-me uma mão a mim // E a outra a tudo o que existe // E assim vamos os três pelo caminho que houve. (Pessoa 1994, pp. 52–56)

2.2.6. O sábio e a humildade

O sábio resolve os assuntos pelo Princípio da Não-Ação, Ensina sem usar palavras; Deixa que todas as coisas aconteçam, mas não as inicia, Deixa que elas nasçam e cresçam, mas não as possui, Deixa que aconteçam sem depender delas, Tem sucesso mas não aclama crédito. E é por ele não aclamar o seu crédito Que ele nunca perde. (capítulo 2, *apud* Cao 2010, p. 6)⁴⁰

Na obra *Dao De Jing*, o significado de “ser sábio” e o que isso implica é um tópico vivamente abordado. Em todos os escritos que falam sobre o que é preciso para se ser sábio, talvez a qualidade necessária mais aclamada é a humildade: “Retirar-se quanto se atinge o sucesso, isso é o Dao do Céu” (capítulo 9, *apud* Cao 2010, p. 40).⁴¹

Portanto, para agir de acordo com Dao, era importante tentar ao máximo não procurar qualquer tipo de fama, nem se considerar, por qualquer ventura, superior aos outros: “Pode ser chamado de grande. Mas, como não aclama a sua grandiosidade, atinge a grandiosidade”. (capítulo 34, *apud* Cao 2010, p. 153).⁴²

O poeta Caiiro também era um mestre humilde. Ele não se considerava mais importante que uma flor ou uma pedra. Ele era apenas o que era, assim como uma flor

³⁹ “含德之厚，比于赤子。毒虫不螫，猛兽不据，攫鸟不搏。骨弱筋柔而握固。未知牝牡之合而媵作，精之至也。终日号而不嘎，和之至也。” “Hán dé zhī hòu, bǐ yú chǐzǐ. Dúchóng bù shì, měngshòu bù jù, jué niǎo bù bó. Gǔ ruò jīn róu ér wò gù. Wèizhī pīn mǔ zhī hé ér zuǐ zuò, jīng zhī zhì yě. Zhōng rì hào ér bù á, hé zhī zhì yě.” (TdA)

⁴⁰ “圣人居无为之事，行不言之教，万物作而弗始也，为而弗志也，成功而弗居也。夫唯弗居，是以弗去。” “Shèngrén jū wúwéi zhī shì, xíng bù yán zhī jiào, wànwù zuò ér fú shǐ yě, wéi ér fú zhì yě, chénggōng ér fú jū yě. Fū wéi fú jū, shì yǐ fú qù.” (TdA)

⁴¹ “功成身退，天之道也。” “Gōng chéng shēn tuì, tiān zhī dào yě” (TdA)

⁴² “可名为大。以其终不自为大，故能成其大。” “Kě míng wéi dà. Yǐ qí zhōng bù zì wéi dà, gù néngchéng qí dà.” (TdA)

era uma flor e uma pedra era uma pedra. Considerava-se uma existência no mundo e nada mais que isso:

(...) Sim, escrevo versos, e a pedra não escreve versos. // Sim, faço ideias sobre o mundo, e a planta nenhuma. // Mas é que as pedras não são poetas, são pedras; // E as plantas são plantas só, e não pensadores. // Tanto posso dizer que sou superior a ellas por isto, // Como que sou inferior. // Mas não digo isso: digo da pedra, «é uma pedra», // Digo da planta, «é uma planta», // Digo de mim, «sou eu». // E não digo mais nada. // Que mais há a dizer? (Pessoa 1994, p. 121)⁴³

Na verdade, por vezes, nem poeta se considerava. Ele evitava fortemente valorizar a sua arte ou procurar reconhecimento através dos seus poemas. Alberto Caeiro deixava claro que somente escrevia o que via, e, neste sentido, se os seus poemas eram bonitos, seria, então, porque o que ele via era bonito, e tal em nada estaria relacionado com o seu engenho:

Uma vez chamaram-me poeta materialista, // E eu admirei-me, porque não julgava // Que se me pudesse chamar qualquer coisa. // Eu nem sequer sou poeta: vejo. // Se o que escrevo tem valor, não sou eu que o tenho: // O valor está allí, nos seus versos. // Tudo isso é absolutamente independente da minha vontade. (*idem*, p. 122)⁴⁴

2.2.7. A rejeição da sociedade

Outra semelhança está no facto de ambos os mestres manifestarem um certo desafeto à sociedade e às suas normas, acusando-a de mentirosa, desnecessária e exagerada.

O Mestre Caeiro, porém, não apenas recusa a sociedade como também a Humanidade, e esse é um ponto onde os autores diferem bastante. O poeta, não acreditando, de todo, na Humanidade, unicamente considera as coisas que sejam pré-humanas como valiosas e verdadeiras. Deste modo, conseguimos notar na sua poesia um apelo mais fervoroso à não humanização do mundo: “Deixai existir o mundo exterior e a humanidade natural! // Paz a todas as coisas pré-humanas, mesmo no homem. // Paz à essência inteiramente exterior do Universo!” (Pessoa 1994, p. 142).⁴⁵

Nos poemas de *Dao De Jing*, por sua vez, denota-se uma tentativa de dar a conhecer a melhor forma de viver a Humanidade, sem que a sociedade seja uma prisão opressiva.

Governa o Estado corretamente; Conduz a guerra com estranheza, evitando-a; Consegue o mundo sem intromissão. Como é que eu sei que deve ser assim? Porque: Quantas mais inibições o mundo tiver, mais empobrecido o povo é; Quanto mais instrumentos e armas o governo possuir, mais desordenado é o seu Estado; Quanto mais destreza o governo tiver, mais coisas indesejadas irão suceder; Quanto mais leis e requerimentos houver, mais ladrões e bandidos existirão. É por isso que o sábio diz: Eu não faço nada, e as pessoas comuns mudam-se a elas próprias. Eu prefiro ficar calmo e quieto, e as pessoas comuns conseguem seguir a própria norma. Eu não me intrometo, e as pessoas comuns tornam-se

⁴³ *Poemas Inconjuntos*: 15

⁴⁴ *Poemas Inconjuntos*: 16

⁴⁵ *Poemas Inconjuntos*: 52

prósperas. Eu não tenho desejos e as pessoas tornam-se puras e simples. (capítulo 57, *apud* Cao 2010, p. 260)⁴⁶

2.2.8. A morte

A morte é inevitável para todos os seres que estão vivos, facto esse bastante explícito na poesia de Alberto Caeiro. Ele vê as plantas a nascer e a morrer, e aceita, com clareza e calma, tal destino, sem querer nem antecipá-lo nem atempá-lo: “ (...) O tamanho, a duração não têm importância nenhuma... // São apenas tamanho e duração... //O que importa é a flor durar e ter tamanho...” (Pessoa 1994, p. 127).⁴⁷ A Morte, para ele, é algo tão natural como a vida, portanto, não tem qualquer importância acrescida: “(...) Sinto uma alegria enorme // Ao pensar que a minha morte não tem importância nenhuma. (...) Por isso, se morrer agora, morro contente, // Porque tudo é real e tudo está certo. (...) O que fôr, quanto fôr, é que será o que é.” (*idem*, p. 125).⁴⁸

A Filosofia Taoista também se guia pelos traços de aceitação para com a morte e o ciclo da vida. Todavia, em certos poemas de *Dao De Jing*, denota-se uma tentativa de aconselhamento àqueles que procuram uma vida longa. Enfatizava-se que só seguindo o caminho de Dao, seria possível prevenir uma morte precoce. A valorização da longevidade é uma característica cultural muito forte na China, sendo um dos objetivos e desejos mais ambicionados o de ter uma vida longa e sábia, então, a velhice é tanto símbolo de longevidade como de sabedoria. E talvez seja esse um dos motivos pelo qual a obra *Dao De Jing* tenha sido atribuída a Lao Zi – [A Criança Velha, O Mestre].

De todos os que nascem e morrem, os que vivem por muito tempo são 3 em cada 10; os que morrem cedo são 3 em cada 10; os que estão vivos mas que se movem em torno da morte, os que se encontram às portas da morte, também são 3 em cada 10. E Porquê? Isso é porque cuidam demasiado bem da própria vida, porque se preocupam em demasia. Eu ouvi que aqueles que sabem como se preservar não encontram rinocerontes nem tigres pelo caminho, nem usam armadura quando vão para a batalha. Os rinocerontes não encontram neles sítio para perfurar com o seu corno, os tigres não encontram neles sítio para cravar as suas presas, a arma não encontra neles sítio para espetar a sua lâmina. E Porquê? Porque esses que se sabem preservar não se encontram no terreno da morte. (capítulo 50, *apud* Cao 2010, p. 230)⁴⁹

⁴⁶ “以正治国，以奇用兵，以无事取天下。吾何以知其然哉？以此：天下多忌讳，而民弥贫；人多利器，国家滋昏；人多伎巧，奇物滋起；法令滋彰，盗贼多有。故圣人云：“我无为，而民自化；我好静，而民自正；我无事，而民自富；我无欲，而民自朴。” “Yì zhèng zhìguó, yǐ qí yòngbīng, yǐ wú shì qǔ tiānxià. Wú héyǐ zhī qí rán zāi? Yǐ cǐ: Tiānxià duōjìhuì, ér mǐn mí pín; rén duō lìqì, guójiā zī hūn; rén duō jì qiǎo, qí wù zī qí; fǎlǐng zī zhāng, dàoézéi duō yǒu. Gù shèngrén yún: “Wǒ wúwéi, ér mǐn zì huà; wǒ hǎo jìng, ér mǐn zì zhèng; wǒ wú shì, ér mǐn zì fù; wǒ wú yù, ér mǐn zì pǔ.” (TdA)

⁴⁷ *Poemas Inconjuntos*: 25

⁴⁸ *Poemas Inconjuntos*: 19

⁴⁹ “出生入死，生之徒，十有三；死之徒，十有三；人之生，动之于死地，亦十有三。夫何故？以其生生之厚。盖闻善摄生者，陆行不遇兕虎，入军不被甲兵。兕无所投其角，虎无所措其爪，兵无所容其刃。夫何故？以其无死地。” “Chūshēngrùsǐ, shēng zhī tú, shí yǒusān; sǐ zhī tú, shí yǒusān; rén zhī shēng, dòng zhī yú sǐdì, yì shí yǒusān. Fū hégù? Yǐ qí shēngshēng zhī hòu. Gài wén shàn shèshēng

Contudo, tal como os poemas de Caeiro, a filosofia taoista defende que quando chegar a hora, quando já não tiver mais utilidade estar vivo, morrer é o melhor destino.

O Céu e a Terra não são humanos, tratam todas as coisas do mundo como palha e cães [objetos de sacrifício que são queimados e deitados fora no final de perderem o seu propósito]; o sábio não é humano, trata toda a gente como palha e cães. O espaço entre o Céu e a Terra não parece um fole para soprar um fogo numa fornalha? Vazio mas nunca esgotado, dinâmico e ainda mais produtivo. (capítulo 5, *apud* Cao 2010, p. 21)⁵⁰

Alberto Caeiro afirma: “Quem me dera que a minha vida fosse um carro de bois (...) Quando já não servia tiravam-me as rodas e eu ficava virado e partido no fundo de um barranco” (Pessoa 1994, p. 65).⁵¹ E ficar ali esquecido seria o único destino natural, pois já estava morto. Sentir saudades dele ou lembrá-lo de qualquer forma, seria tentar revivê-lo e isso seria antinatural: “(...) O que foi não é nada. // E lembrar é não ver. // Passa, ave, passa, e ensina-me a passar!” (*idem*, p. 93).⁵²

Quando a erva crescer em cima da minha sepultura, // Seja esse o sinal para me esquecerem de todo. // A Natureza nunca se recorda, e por isso é bela. // E se tiverem a necessidade doente de «interpretar» a erva verde sobre a minha sepultura, // Digam que eu continuo a verdecer e a ser natural. (*idem*, p. 127)⁵³

3. Conclusão

Concluindo, ambos os extremos de comparação apresentam, como vimos, alguns contrastes, porém o que mais me fascinou nesta análise, foram as semelhanças encontradas. Como o enaltecimento do Princípio da Não-Ação, que nos ensina a tomar uma atitude mais passiva perante a vida, sem lutar para nada nem contra nada, que nos alerta a estarmos gratos e satisfeitos com o que já temos, sem ambição, sem exigir guerras. Um discurso pacifista, no qual ambos valorizam as qualidades do elemento da água, que é adaptável e suave, mas que, ainda assim, é invencível, pois nunca luta.

Ambos desaprovam a necessidade de utilizar nomes ou classificações, esse processo da mente humana que retira a verdadeira essência das coisas. A mente tende a ir matando a criança ingénua e pura que existe em cada um de nós, e que, como ambos os autores enaltecem, devemos manter sempre viva. Essa criança que não demanda, nem ambiciona em demasia, que fica encantada e satisfeita com a mais pequena e simples das coisas, que não necessita de se opor à sua realidade e que, ainda assim, é inocentemente feliz.

zhě, lù xíng bù yù sī hǔ, rù jūn bù bèi jiǎbīng. Sì wú suǒ tóu qǐjiǎo, hǔ wú suǒ cuò qí zhǎo, bīng wú suǒ róng qí rěn. Fū hégu? Yī qí wú sīdì.” (TdA)

⁵⁰ “天地不仁，以万物为刍狗；圣人不仁，以百姓为刍狗。天地之间，其犹橐龠乎？虚而不屈，动而俞出。” “Tiāndì bùrén, yǐ wànwù wèi chū gǒu; shèngrén bùrén, yǐ bǎixìng wèi chū gǒu. Tiāndì zhī jiān, qí yóu tuó yuè hū? Xū ér bùqū, dòng ér yú chū. Duō wén shù qióng, bù ruò shǒu yú zhōng.” (TdA)

⁵¹ *O Guardador de Rebanhos: XVI*

⁵² *O Guardador de Rebanhos: XLIII*

⁵³ *Poemas Inconjuntos: 23*

Os autores reconheciam que devíamos levar a vida simplesmente na existência, sem tencionar ser mais do que se é, sem pretender fama. Eles tinham a humildade de um sábio e rejeitavam qualquer glória, pois acreditavam que ninguém era mais do que os outros, cada ser tem o seu lugar no mundo. E quando a morte se acercasse, deveria ser aceite com a naturalidade com que se aceita que o dia acaba, que sol se põe, que as folhas caem, que as flores murcham, porque todos nós somos mais um ser natural, dos muitos incluídos na Natureza.

Países tão díspares, eras tão distintas, arriscar-me-ia a dizer, mundos completamente diferentes, porém, filósofos, poetas e artistas, de ambos os extremos, surgem e inspiram-se no mesmo mundo, na vida, na natureza de tudo. São capazes de nos fazer pensar se a nossa crescente proximidade e as nossas semelhanças são apenas reflexos da modernidade e da globalização desde século, ou se, na verdade, sempre estivemos, de alguma forma, ligados na linha do tempo, através da nossa capacidade de seres pensantes, da nossa vontade/necessidade de observar o mundo com a tentativa de o interpretar e/ou compreender, ou do gosto por escrever e cantar sobre ele, no fundo, através da nossa essência como seres humanos. Pois, essencialmente, todos esses ‘mundos diferentes’, que descobrimos e estudamos através e ao longo da História, foram e serão sempre um só.

Referências

- Cao, J-H (2010), *Dàodé jīng/ (chūnqū) Lǎozǐ zhe*. [Dao De Jing – Lao Zi], Pequim: Imprensa Yanshan Press.
- Padrão, M. G. (1981). *A metáfora em Fernando Pessoa*. Porto: Limiar.
- Pessoa, F. (1986). *Escritos íntimos, cartas e páginas autobiográficas* (Introdução, organização e notas de António Quadros). Lisboa: Publicações Europa-América.
- Pessoa, F. (1994). *Poemas completos de Alberto Caeiro* (Recolha, transcrição e notas por Teresa Sobral Cunha). Lisboa: Editorial Presença.
- Ren, F-R (1988), *Dàodé jīng shìyì*. [Interpretações de Dao De Jing], Xi’An: San Zou Press.
- Wong, E. (1997). *The Shambhala Guide to Taoism*. Boston & London: Shambala.

[recebido em 21 de fevereiro de 2020 e aceite para publicação em 30 de setembro de 2020]